

O Livro de Joel e a Igreja Adventista do Sétimo Dia Laodiceana - Número Cinco

Até Quando? O Quinto Selo

Jeff Pippenger
2025-12-07

Quando "a luz para aquele tempo é dada", ela é "recebida" ou "rejeitada". A separação que se realiza quando a luz é introduzida é a obra do evangelho eterno, que inclui não apenas o selamento do povo de Deus, mas também a separação entre o trigo e o joio. O processo final de prova e separação começou em 11 de setembro, quando a pergunta profética indaga: "até quando?" e a resposta profética é: "até a lei dominical". A última menção do símbolo de "até quando" encontra-se no quinto selo, no livro do Apocalipse.

E, quando ele abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por causa da palavra de Deus e do testemunho que mantinham; e clamavam em alta voz, dizendo: Até quando, ó Senhor, santo e verdadeiro, não julgas e não vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?

E foram dadas vestes brancas a cada um deles; e foi-lhes dito que repousassem ainda por um pouco de tempo, até que também se completasse o número dos seus conservos e dos seus irmãos, que haviam de ser mortos como eles o foram. Apocalipse 6:9-11.

A Inspiração situa a resposta à pergunta "até quando", feita pelas "almas dos que foram mortos", no futuro, quando se formar um segundo grupo de mártires papais. Isso começa na lei dominical e, por essa razão, a irmã White identifica Apocalipse dezoito como o cumprimento do segundo grupo de mártires. Há duas "vozes" nos cinco primeiros versículos; a primeira voz marca 11 de setembro e a segunda voz chama homens e mulheres para saírem de Babilônia na lei dominical. A irmã White identifica o símbolo de "até quando" no quinto selo com os cinco primeiros versículos de Apocalipse dezoito para delinear o período de 11 de setembro até a lei dominical. O foco não está na separação e no selamento do povo de Deus, mas no julgamento do papado por assassinar os mártires da história passada e aqueles mártires durante a crise da lei dominical que compõem o segundo grupo de mártires papais.

"Quando o quinto selo foi aberto, João, o Revelador, em visão, viu debaixo do altar os que tinham sido mortos por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus Cristo. Depois disso vieram as cenas descritas no capítulo dezoito do Apocalipse, quando os que são fiéis e verdadeiros são chamados a sair da Babilônia. [Apocalipse 18:1-5, citado.]" Manuscript Releases, volume 20, 14.

Na outra passagem em que ela identifica os mártires do quinto selo e o futuro e segundo grupo de mártires, que é constituído na crise da lei dominical, ela diz que essas cenas "ocorreriam em um período de tempo no futuro". As duas vozes de Apocalipse 18 representam o "período de tempo no futuro". A primeira voz no início, em 11 de setembro, e a segunda voz na lei dominical

"E, quando ele abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que haviam sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam; e clamavam em alta voz, dizendo: Até quando, ó Senhor, santo e verdadeiro, não julgas e não vingas o nosso sangue daqueles que habitam sobre a terra? E foram dadas a cada um deles vestes brancas [Foram declarados puros e santos]; e foi-lhes dito que repousassem ainda por um pouco de tempo, até que se cumprisse também o número dos seus conservos e de seus irmãos, que haviam de ser mortos como eles foram' [Apocalipse 6:9-11]. Aqui foram apresentadas a João cenas que não eram realidade, mas que ocorreriam em um período de tempo no futuro."

"Apocalipse 8:1-4 citado." Manuscript Releases, volume 20, 197.

A irmã White associa o cumprimento da formação do segundo grupo de mártires ao futuro e, em outra passagem, ela cita Apocalipse 18:1-5, que identifica uma voz nos três primeiros versículos e outra voz nos versículos quatro e cinco. A primeira voz marca o 11 de setembro, quando os grandes edifícios de Nova York vieram abaixo, e a segunda voz é a lei dominical, quando o outro rebanho de Deus é chamado para sair da Babilônia. Na segunda passagem, ela se refere ao capítulo oito de Apocalipse e aos quatro primeiros versículos, que identificam a abertura do sétimo selo, quando brasas do altar são lançadas à terra, o que corresponde ao Pentecostes, quando fogo veio do céu e iluminou os discípulos, assim como as doze pedras de Elias foram iluminadas e como representado pelas línguas de fogo sobre os discípulos.

Até quando? Zacarias e João

"Até quando" é um símbolo profético do período de tempo desde 11 de setembro até a lei dominical, que foi tipificado na história do Monte Carmelo, na história dos mileritas de 1840 a 1844, na história de Moisés, da oitava à décima praga, no testemunho dos mártires do quinto selo; e, em Zacarias, pergunta-se: "até quando" seria até que Deus tivesse misericórdia de Jerusalém, que estivera na Babilônia por setenta anos.

Então o anjo do Senhor respondeu e disse: Ó Senhor dos Exércitos, até quando deixarás de ter misericórdia de Jerusalém e das cidades de Judá, contra as quais te indignaste estes setenta anos?

E o Senhor respondeu ao anjo que falava comigo com palavras boas e consoladoras.

Então o anjo que falava comigo me disse: Clama, dizendo: Assim diz o Senhor dos Exércitos: Tenho grande zelo por Jerusalém e por Sião, com grande zelo. E estou muito indignado contra as nações que vivem sossegadas; porque eu estava apenas um pouco indignado, e elas agravaram a aflição. Portanto, assim diz o Senhor: Voltei para Jerusalém com misericórdias; a minha casa será edificada nela, diz o Senhor dos Exércitos, e o cordel será estendido sobre Jerusalém. Clama ainda, dizendo: Assim diz o Senhor dos Exércitos: As minhas cidades ainda transbordarão de prosperidade; e o Senhor ainda consolará Sião e ainda escolherá Jerusalém. Zacarias 1:12-17.

Irmã White correlaciona diretamente os “setenta anos” de Zacarias (setenta anos), em que o antigo Israel literal esteve em cativeiro na Babilônia literal, com os mil duzentos e sessenta anos, de 538 a

1798, em que o Israel espiritual (cristãos) esteve em cativeiro na Babilônia espiritual (Catolicismo Romano).

"A igreja de Deus na terra esteve tão verdadeiramente em cativeiro durante esse longo período de perseguição implacável quanto estiveram os filhos de Israel cativos na Babilônia durante o período do exílio." Profetas e Reis, 714.

Em 1798, no fim dos mil duzentos e sessenta anos, chegou a primeira de três mensagens, representadas por anjos em Apocalipse 14. A segunda chegou em 19 de abril de 1844 e a terceira em 22 de outubro de 1844. A história simbolizada pela pergunta "até quando" vai de 11 de setembro até a lei dominical, e esse período de tempo foi tipificado no início do Adventismo, no movimento milerita, de 11 de agosto de 1840 até 22 de outubro de 1844. Esse período é ilustrado simbolicamente por João, o Revelador, no capítulo dez, quando João come o livrinho que era doce em sua boca, mas tornou-se amargo em seu estômago.

E a voz que eu ouvi do céu tornou a falar comigo e disse: Vai e toma o livrinho que está aberto na mão do anjo que está em pé sobre o mar e sobre a terra. E fui ao anjo e lhe disse: Dá-me o livrinho. E ele me disse: Toma-o e come-o; ele te amargará o ventre, mas na tua boca será doce como o mel. E tomei o livrinho da mão do anjo e o comi; e na minha boca era doce como o mel; e, assim que o comi, o meu ventre ficou amargo.

E disse-me: Tu deves profetizar novamente diante de muitos povos, nações, línguas e reis. Apocalipse 10:8-11.

A história que João está ilustrando é representada pelo livro que foi comida, pois o ato de comer representava os mileritas chegando a compreender a mensagem e a experiência deles ao proclamá-la. Assim, quando, imediatamente após essa história ser apresentada, é dito a João que ele deve profetizar novamente, o profetizar mencionado refere-se à história de 1840 a 1844. É dito a João que a história milerita de 1840 a 1844 se repete na história do fim do adventismo. Assim que é dito a João que ele deve profetizar novamente, é dito a João que meça o templo.

E foi-me dada uma cana semelhante a uma vara; e o anjo se pôs em pé, dizendo: Levanta-te, e mede o templo de Deus, e o altar, e os que nele adoram. Mas deixa de fora o átrio que está fora do templo, e não o meças; porque foi dado aos gentios; e eles pisarão a cidade santa por quarenta e dois meses. Apocalipse 11:1, 2.

A obra confiada ao Adventismo após 22 de outubro de 1844 foi representada por João como a tarefa de medir ou edificar o templo, em harmonia com a promessa apresentada em Zacarias de que "uma linha seria estendida sobre Jerusalém" novamente — pois o Senhor "ainda escolheria Jerusalém". A história representada no início do Adventismo com o movimento de Filadélfia do Adventismo milerita repete-se no fim do Adventismo com o movimento de Filadélfia dos cento e quarenta e quatro mil. No grande desapontamento de 22 de outubro de 1844, começou um período de tempo, representado como "os dias da voz do sétimo anjo".

Mas, nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele começar a soar, o mistério de Deus se cumprirá, como ele declarou aos seus servos, os profetas. Apocalipse 10:7.

A mensagem foi doce para os Milleritas quando a profecia temporal islâmica do segundo ai se cumpriu exatamente como os Milleritas haviam predito antes de 11 de agosto de 1840. A mensagem tornou-se amarga no estômago no grande desapontamento de 22 de outubro de 1844. Assim que João termina de ilustrar a história de 1840 a 1844, ele é informado de que deve fazer exatamente a mesma coisa (profetizar) novamente. Em seguida, lhe é dito que meça Jerusalém, e, ao fazê-lo, ele se alinha com a profecia de Zacarias sobre a escolha de Jerusalém pelo Senhor. A partir de 22 de outubro de 1844, a história profética é representada como os "dias da voz do sétimo anjo". Os "dias" da mensagem (voz) do sétimo anjo (terceiro ai) representam um período de tempo em que a divindade de Cristo seria permanentemente combinada com a humanidade que viria a ser os cento e quarenta e quatro mil. Esse trabalho foi atrasado pela rebelião de 1863 e, em 9/11, o soar do sétimo anjo (terceiro ai) voltou a soar.

Na história sagrada, o Senhor escolheu Jerusalém para ali colocar o Seu nome, e o Seu "nome" é o Seu caráter. Jerusalém e Sião são mencionadas por Zacarias quando ele declara: "Tenho grande zelo por Jerusalém e por Sião, com grande zelo" e, em seguida: "o Senhor ainda consolará Sião e ainda escolherá Jerusalém." Sião é consolada quando recebe o Espírito Santo, que é o "Consolador". O consolo do Espírito Santo começou em 11 de setembro, em concordância com Cristo soprando sobre os discípulos após Sua descida de se encontrar com o Pai depois de Sua ressurreição. A manifestação do Espírito Santo intensificou-se grandemente no Pentecostes. Esse período começou com a oferta das primícias sendo ressuscitada e terminou com a oferta das primícias de Pentecostes, quando então todo o mundo ouviu a mensagem.

Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus. Falai ao coração de Jerusalém e bradai-lhe que já é finda a sua milícia, que a sua iniquidade está perdoada; porque da mão do Senhor recebeu em dobro por todos os seus pecados. Isaías 41:1, 2.

Os cento e quarenta e quatro mil são selados quando "sua iniquidade é perdoada". Isso ocorre pouco antes da lei dominical, quando são elevados como a oferta de primícias pentecostal, enquanto recebem o derramamento do Espírito Santo sem medida, como os discípulos tipificaram no Pentecostes. A aspersão da chuva que começou em 9/11 torna-se um derramamento pleno na lei dominical. Na história, da oferta de primícias de 9/11 até a oferta de primícias na lei dominical, quando os cento e quarenta e quatro mil são selados e preparados como uma oferta para serem erguidos como um estandarte desde a lei dominical até o fechamento do tempo de graça. Essa história é representada pelos três primeiros versículos de Apocalipse dezoito, que anunciam a queda de Babilônia, que é o símbolo bíblico que representa uma 'duplicação'.

Depois destas coisas vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder; e a terra foi iluminada com a sua glória. E clamou fortemente com grande voz, dizendo: Caiu, caiu Babilônia, a grande, e se tornou morada de demônios, covil de todo espírito imundo e esconderijo de toda ave imunda e abominável. Porque todas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição, e os reis da terra se prostituíram com ela, e os mercadores da terra se enriqueceram com a abundância das suas delícias. Apocalipse 18:1-3.

Ao longo das Escrituras, a duplicação de frases ou palavras representa o cumprimento perfeito da queda de Babilônia nos últimos dias. É a assinatura do Alfa e do Ômega, que sempre ilustra o fim

de uma coisa com o início de uma coisa. As duas quedas de Babilônia são representadas por Ninrode e Belsazar. Ninrode foi o princípio de Babilônia, quando era simplesmente Babel. A queda de Ninrode representou a queda de Belsazar, e a mensagem do segundo anjo e do anjo de Apocalipse dezoito é que a queda de Ninrode no princípio de Babilônia representou a queda de Belsazar no fim, pois o Alfa e o Ômega sempre ilustra o fim de uma coisa com o início de uma coisa.

A torre de Nimrode foi derrubada como símbolo de sua queda, e ele tipificou a queda das Torres Gêmeas em 11 de setembro. A queda de Belsazar foi a escrita na parede, marcando o fim do reinado de setenta anos da Babilônia como o primeiro reino da profecia bíblica e, assim, tipificando a queda dos Estados Unidos ao final dos simbólicos “setenta anos, segundo os dias de um rei”, de Isaías vinte e três, representando a história dos Estados Unidos de 1798 até a lei dominical. A escrita na parede de Belsazar representa quando o muro de separação entre Igreja e Estado cai na lei dominical, que é exatamente o ponto em que o sexto reino da profecia bíblica termina, assim como Belsazar foi morto naquela mesma noite. A escrita na parede é a lei redigida que derruba o muro de separação entre Igreja e Estado na Constituição.

A 'história' representada desde 11 de setembro até a lei dominical e, depois, até o fechamento da porta da graça para a humanidade e as sete últimas pragas é o período histórico que é simbolizado, na palavra de Deus, por uma duplicação de frases ou palavras. Nesse período, o Espírito Santo é derramado, começando com uma aspersão desde 11 de setembro até a lei dominical e, depois, com o pleno derramamento. O Espírito Santo foi representado por Cristo como o "Consolador" que, quando viesse, mostraria ao povo de Deus todas as coisas.

Mas o Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito. João 14:26.

O Espírito Santo é transmitido aos cento e quarenta e quatro mil por meio do "óleo dourado", que também é a "chuva" e também o "Consolador". Quando representado como o "Consolador", o Espírito Santo está identificando uma manifestação especial do Espírito Santo.

O povo de Deus sempre teve o Espírito Santo quando cumpre os requisitos do evangelho, mas, nos tempos de genuíno avivamento sagrado, “como nos tempos de outrora”, quando há uma manifestação especial do Espírito Santo para um corpo coletivo, o Espírito Santo é representado como o Consolador. Mais importante ainda, esse corpo coletivo tem sua memória exercitada pelo Consolador, pois ele “traz todas as coisas à sua memória”. Isso confirma que as pessoas que participam dessa manifestação têm a experiência genuína, pois o Espírito Santo participa das atividades de suas mentes, influenciando o processo de raciocínio ao trazer “todas as coisas à vossa memória”.

A memória humana combina-se com outros componentes, como julgamento, inteligência, razão e consciência, para formar a natureza superior do homem, que o apóstolo Paulo denomina de "a mente". A natureza superior é ou a mente carnal ou a mente de Cristo.

Porque a mente carnal é inimizada contra Deus; pois não se sujeita à lei de Deus, nem mesmo pode. Romanos 8:7.

Pois quem conheceu a mente do Senhor, para que o possa instruir? Mas nós temos a mente de Cristo. 1 Coríntios 2:16.

A natureza inferior, ou carne, é composta pelos sistemas nervoso, emocional e hormonal associados aos sentidos, que são as “avenidas da alma”. A natureza superior foi projetada para governar a inferior e, como tal, é representada como a fortaleza; e a fortaleza está constantemente sob ataque dos sentidos (a natureza inferior), e os ataques são feitos contra a fortaleza pelas avenidas que conduzem para dentro da fortaleza. Dentro da fortaleza da natureza superior há um centro de comando, ou o que a Irmã White chama de cidadela. A cidadela é o Lugar Santíssimo do santuário, que é dividido em duas divisões básicas. O átrio é a carne, ou natureza inferior, e para entrar no átrio ou também transferir o sangue para o Lugar Santo era necessário passar por uma cortina ou véu. O átrio é delimitado pelos véus.

Por um novo e vivo caminho, que ele consagrou para nós, através do véu, isto é, a sua carne. Hebreus 10:20.

O santuário é dividido em duas partes: o átrio e o santuário. Por sua vez, o santuário é dividido em duas partes, assim como a natureza superior. A natureza superior divide-se em duas áreas. Uma dessas áreas é representada como o Lugar Santo e a outra, o Lugar Santíssimo. O Lugar Santo representa as atividades mentais necessárias para que a humanidade funcione, mas o Lugar Santíssimo é a área onde Deus e o homem se encontram. O Lugar Santíssimo é a sala do trono de Deus, e os que são convertidos estão assentados em lugares celestiais com Cristo.

E nos ressuscitou juntamente, e nos fez assentar juntamente nos lugares celestiais, em Cristo Jesus. Efésios 2:6.

O versículo é retirado de uma passagem em que, vários versículos antes, mas ainda na mesma linha de pensamento, Jesus está assentado nos lugares celestiais, assim como está o Seu povo.

Que ele operou em Cristo, quando o ressuscitou dentre os mortos e o assentou à sua direita nas regiões celestiais. Efésios 1:20.

Cristo e seu povo estão assentados juntos no Lugar Santíssimo. Cristo foi ressuscitado e então assentou-se nos lugares celestiais, e seu povo é levantado e assentado na sala do trono do Lugar Santíssimo. Paulo indica que aqueles que são levantados no versículo seis foram ressuscitados do pecado no versículo anterior.

Mesmo quando estávamos mortos em pecados, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), e nos ressuscitou juntamente e nos fez assentar nas regiões celestiais em Cristo Jesus. Efésios 1:5, 6.

As duas testemunhas de Apocalipse onze, onze constituem o cumprimento perfeito da passagem de Efésios: elas são ressuscitadas e depois levadas ao céu como um estandarte — mas também para serem assentadas nos lugares celestiais. No Santíssimo Lugar, as duas testemunhas representam a

humanidade na própria presença de Deus, e a sua justificação para estarem assentadas ali é a insígnia que cada uma possui. Essa insígnia é o selo de Deus, e o selo de Deus representa que o humano se tornou um com o divino, e esse selo é representado pelo fato de que o Consolador, que é o Espírito Santo, habita no Santíssimo Lugar de “sua” natureza superior. O Santíssimo Lugar é a sala do trono de Deus onde o divino e o humano se unem, e representa o templo humano cuja natureza superior inclui um Santíssimo Lugar onde tanto a divindade quanto a humanidade estão assentadas juntas.

O derramamento do "Consolador" é o selamento dos cento e quarenta e quatro mil e marca uma mudança na história da salvação, pois, nesse momento, a igreja passa de igreja militante a igreja triunfante. Nesse momento, ela passa do movimento laodiceano dos cento e quarenta e quatro mil ao movimento filadelfiano dos cento e quarenta e quatro mil. Nesse momento, muda da experiência da sétima igreja para a experiência da sexta igreja, e a sexta igreja foi a dos Mileritas. Uma característica profética da sexta igreja, de Filadélfia, conforme se cumpriu no movimento milerita, é que ela nunca foi uma igreja. Foi apenas um movimento até 1856, quando ambos os White identificaram o movimento como laodiceano. Sete anos depois, a igreja legal foi formada.

A mudança salvífica por ocasião da lei dominical foi tipificada pela mudança salvífica em Pentecostes, que marcou a inauguração de Cristo como Sumo Sacerdote.

"O derramamento pentecostal foi a mensagem do Céu de que a inauguração do Redentor havia sido consumada. Segundo Sua promessa, Ele havia enviado o Espírito Santo do Céu aos Seus seguidores como um sinal de que Ele, como sacerdote e rei, havia recebido toda a autoridade no céu e na terra, e era o Ungido sobre Seu povo." Atos dos Apóstolos, 38.

Quando a chuva serôdia for derramada sem medida sobre os cento e quarenta e quatro mil na lei dominical, será a "comunicação do Céu" de que a Igreja Militante terminou e a Igreja Triunfante chegou. A inauguração de Cristo no Pentecostes, no santuário celestial, tipifica a unção dos cento e quarenta e quatro mil na lei dominical.

O derramamento "pentecostal" que identificava Cristo como o Ungido representava Sua unção na cerimônia inaugural no céu, mas Ele também havia sido ungido em Seu batismo. Seu batismo (9/11) até Pentecostes (a lei dominical) também é novamente representado três anos e meio após Seu batismo por Sua morte, sepultamento e ressurreição literais (festa das primícias). Assim, 9/11 está representado em Seu batismo e também em Sua ressurreição. Sua ressurreição simbólica e Sua ressurreição literal marcam o início de duas linhas proféticas que ambas terminam em Pentecostes. Ambas as histórias começam com a ressurreição da oferta das primícias.

Mas agora Cristo ressuscitou dentre os mortos e tornou-se as primícias dos que dormiram. Pois, visto que por um homem veio a morte, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. Porque, assim como em Adão todos morrem, assim também em Cristo todos serão vivificados. Mas cada um na sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda. 1 Coríntios 15:20-23.

Cristo é a oferta das primícias na sua ressurreição, marcando o início do "período pentecostal", que termina com a oferta das primícias de Pentecostes. A ressurreição de Cristo corresponde à cevada,

e o trigo são aqueles que "depois" "são de Cristo na sua vinda". Os que são "depois" da ressurreição de Cristo são "os que são de Cristo na sua vinda", representando assim a colheita final de almas fiéis no fim do mundo, como representado por aquelas três mil almas que foram reunidas em Pentecostes.

O versículo também aborda a ressurreição em termos de morte. A morte começou com Adão e atinge todos os homens, mas o faz "em" "ordem". No livro de Atos, Pedro registra que, quando o livro de Joel estava então sendo cumprido, os homens deveriam enviar seus pecados antecipadamente ao juízo para que fossem apagados, quando viessem os tempos de refrigério da presença do Consolador. Cristo não estava examinando os livros do juízo para apagar o pecado naquela ocasião, pois o juízo estava a mais de mil e oitocentos anos no futuro.

A referência a "cada um na sua ordem" começa com Adão e, assim, identifica o juízo dos mortos desde Adão em diante, até que cheguem os tempos de refrigério. Quando chega a chuva serôdia, o juízo passa dos mortos para os vivos. No período de tempo representado pelo versículo (desde a ressurreição de Cristo até o Pentecostes), desde as primícias da cevada até as primícias do trigo, a chuva está caindo durante o juízo dos vivos e, à medida que a chuva cai, a mensagem representada por ela vai separando o trigo do joio. Na lei dominical, que é o Pentecostes, o trigo já não está misturado com o joio e a oferta das primícias do trigo, de dois pães movidos, é levantada. O processo de purificação de 9/11 até a lei dominical também é representado em Malaquias três, quando o Mensageiro da Aliança purifica e também purga os levitas, e o faz por "fogo". "Fogo" é um símbolo de uma mensagem, como representado por línguas de fogo no Pentecostes. Na história em questão, a separação das duas classes, que produz os cento e quarenta e quatro mil, que são os dois pães movidos representados pelas primícias do Pentecostes; esses pães deviam ser completamente assados, pois eram a única oferta que incluía um emblema de pecado.

Aqueles dois pães da oferta movida eram levedados, e o fermento é um símbolo do pecado. Esse fermento foi destruído no fogo do forno, como representado pelo fogo do refinador do Mensageiro da Aliança. Isaías, no capítulo vinte e sete, identifica um debate que começa em 11 de setembro, ao qual ele chama de "o dia do vento oriental". A passagem ensina que é por meio do debate que os pecados de Israel são expiados. O "debate" é entre a verdadeira mensagem da chuva serôdia e todas as outras mensagens falsas da chuva serôdia que existem. Uma mensagem é "fogo", e "fogo" é o que o Mensageiro da Aliança emprega para purificar e purgar. O debate sobre a mensagem da chuva serôdia remove o fermento da oferta pentecostal de primícias de trigo que é levantada na lei dominical. Os cento e quarenta e quatro mil são a oferta pentecostal de primícias de trigo, que vencem pela justificação do Seu sangue e pela santificação do seu testemunho, pois, embora seja a Palavra que santifica, ela só o faz quando a palavra é transmitida na forma de uma mensagem. A apresentação da mensagem permite que os cento e quarenta e quatro mil vivam, e a apresentação de uma falsa mensagem da chuva serôdia produz morte.

E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro, e pela palavra do seu testemunho; e não amaram as suas vidas até a morte. Apocalipse 12:11.

Os cento e quarenta e quatro mil seguem a Cristo, vencendo como Ele venceu, pois, profeticamente, seguem a Cristo.

Estes são os que não se contaminaram com mulheres; pois são virgens. Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que ele vá. Estes foram redimidos dentre os homens, sendo as primícias para Deus e para o Cordeiro. Apocalipse 14:4.

Aqui, no versículo quatro de Apocalipse catorze, os cento e quarenta e quatro mil são identificados como "primícias". Também são identificados como "virgens", e a inspiração nos informou que a parábola das dez virgens de Mateus vinte e cinco ilustra a experiência do povo adventista. Não somente são "virgens", eles não são "contaminados com mulher", pois o processo de prova e separação que produziu os cento e quarenta e quatro mil produziu uma distinção entre os cento e quarenta e quatro mil e "todas" as religiões falsas. "Estes" seguem o Cordeiro para onde quer que ele vá, e, como ofertas de primícias, devem seguir a Cristo em Sua morte, sepultamento e ressurreição.

Em Apocalipse capítulo onze, versículo onze, as duas testemunhas que devem ser levantadas como um estandarte são primeiro mortas; então, em três dias e meio, elas são ressuscitadas como uma oferta das primícias, como foi com Cristo. A oferta das primícias que foi e é Cristo incluía o sangue da aliança sendo derramado a fim de redimir aqueles que haviam ficado falidos com uma experiência laodiceana. Em um versículo (o versículo quatro), todo esse breve resumo das várias linhas de luz profética associadas aos cento e quarenta e quatro mil é apresentado. E isso é exposto em Apocalipse 144 pela mão de Palmoni, o maravilhoso numerador. Uma duplicação nas Escrituras representa a história da chuva serôdia, e a chuva serôdia é onde e quando o Consolador é derramado sobre o povo de Deus.

Quão formosos sobre os montes são os pés daquele que traz boas-novas, que proclama a paz; que traz boas-novas de bem, que anuncia a salvação; que diz a Sião: O teu Deus reina! As tuas sentinelas levantarão a voz; com a voz, juntamente, cantarão, pois verão face a face, quando o Senhor restaurar Sião. Rompei em júbilo, cantai juntamente, ó lugares assolados de Jerusalém, porque o Senhor consolou o seu povo, remiu Jerusalém. O Senhor descobriu o seu santo braço aos olhos de todas as nações; e todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus. Retirai-vos, retirai-vos, saí daí, não toqueis coisa impura; saí do meio dela; sede limpos, vós que levais os vasos do Senhor. Isaías 52:7-11.

Sião H6726 é o mesmo que H6725, que significa "o sentido de destaque; um pilar monumental ou de orientação: - sinal, título, marco de caminho." Sião é um símbolo do estandarte dos cento e quarenta e quatro mil e, na passagem, eles já receberam a chuva serôdia, pois já publicaram e apresentaram as boas novas de paz. Igualmente indicativo desse fato é que eles veem "olho a olho", o que representa os discípulos no Pentecostes, pois os dez dias anteriores ao Pentecostes representam um período de unificação. O Senhor "hath" (representando tempo passado) já realizou três coisas para aqueles que trazem boas novas. Ele "consolou o seu povo", "redimiou Jerusalém" e "descobriu o seu santo braço à vista de todas as nações."

Ele "consolou" o Seu povo no 11 de setembro, marcando o início de um processo de provação do capítulo três de Malaquias que se conclui na lei dominical, quando Ele ergue o estandarte das ofertas das primícias, representado por "descobrir o Seu santo braço aos olhos de todas as nações". Ele consola, redime e eleva os cento e quarenta e quatro mil. No 11 de setembro Ele consola e inicia o processo de purificação em que redime o Seu povo e então o ergue como um estandarte, ou, como diz Malaquias, "a oferta de Judá e de Jerusalém seja agradável" "como nos dias antigos".

E ele se assentará como um refinador e purificador de prata; e purificará os filhos de Levi e os refinará como ouro e prata, para que ofereçam ao Senhor uma oferta em justiça. Então a oferta de Judá e de Jerusalém será agradável ao Senhor, como nos dias antigos e como nos primeiros anos. Malaquias 3:3, 4.

Concluiremos nossas considerações sobre 'quanto tempo' no próximo artigo.

“‘Cuja pá está em Sua mão, e Ele limpará completamente a Sua eira, e recolherá o Seu trigo no celeiro.’ Mateus 3:12. Esse foi um dos tempos de purificação. Pelas palavras da verdade, a palha estava sendo separada do trigo. Porque eram demasiadamente vaidosos e justiceiros aos próprios olhos para receber a repreensão, demasiado amantes do mundo para aceitar uma vida de humildade, muitos se afastaram de Jesus. Muitos ainda estão fazendo a mesma coisa. As almas são provadas hoje como o foram aqueles discípulos na sinagoga de Cafarnaum. Quando a verdade é aplicada ao coração, veem que sua vida não está em conformidade com a vontade de Deus. Veem a necessidade de uma mudança completa em si mesmos; mas não estão dispostos a assumir a obra de abnegação. Portanto, iram-se quando seus pecados são descobertos. Afastam-se ofendidos, assim como os discípulos deixaram Jesus, murmurando: ‘Duro é este discurso; quem o pode ouvir?’” O Desejado de Todas as Nações, 392.